

O movimento comunista no Porto, 1958-1962

Inês Duarte

inprduarte@gmail.com

Resumo

A partir da análise do conteúdo do órgão de imprensa clandestino do Partido Comunista Português, o *Avante!*, entre 1958 e 1962, procura-se compreender a extensão e evolução das movimentações comunistas na cidade do Porto, quais os eventos mais importantes, quem neles participou, e qual a influência do PCP nos mesmos.

Durante esta época de intensa atividade anti-fascista a nível nacional, o *Avante!* destaca-se como fonte noticiosa não sujeita à censura, assim como voz de apoio à luta popular, a qual é retratada de forma proeminente e detalhada ao longo de todas as publicações feitas neste período.

Palavras-chave: Partido Comunista Português, Porto, comunismo, anti-fascismo, Estado Novo.

Abstract

Through an analysis of the content of the Portuguese Communist Party's clandestine newspaper, the *Avante!*, between 1958 and 1962, we seek to understand the scope and the evolution of the communist movement in Porto, the most important events that took place, who participated in them, and the extent of the influence of the PCP in regards to them.

During a time of intense nationwide anti-fascist activity, the *Avante!* stands out as a completely uncensored news source, as a well as a voice of support for the people's and the workers' fight, which is portrayed prominently and in detail over the course of all publications made during this period.

Keywords: Portuguese Communist Party, Porto, communism, anti-fascism, Estado Novo.

Abreviaturas

DDS — *Diretório Democrata-Social*

PCP — *Partido Comunista Português*

Introdução

O movimento comunista na cidade do Porto entre os anos de 1958 e 1962 insere-se num clima político de agitação e movimentação popular, que marca este período crucial,

não só na história do Partido Comunista Português, como também na história contemporânea portuguesa e na luta contra o regime do Estado Novo.

Neste período decorre uma série de acontecimentos que irá perturbar a ordem política portuguesa. Destacam-se as eleições presidenciais a 8 de julho de 1958, nas quais o general Humberto Delgado assume um lugar proeminente como o candidato de todas as oposições. A sua derrota eleitoral, claramente fabricada pelo regime, que anuncia a vitória de Américo Tomás com cerca de 76% dos votos, irá desencadear uma série de protestos e manifestações que marcarão o país nos meses seguintes. O impacto destas eleições é sentido em todas as camadas da sociedade, quer no povo que levanta a voz contra o regime, quer em instâncias oficiais, como a Igreja Católica, onde surgem críticas ao regime, das quais é exemplo a carta do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, dirigida a Salazar a 13 de julho 1958.

Os anos que se seguem são também marcados por forte ação oposicionista. Em 1960, dá-se a célebre fuga de Peniche, na qual figuras oposicionistas – de destacar Álvaro Cunhal – escapam da prisão política de Peniche. Em janeiro de 1961, desencadeia-se a *Operação Dulcinea*, o sequestro do paquete Santa Maria por parte da Direção Revolucionária Ibérica de Libertação, sob o comando do capitão Henrique Galvão. Nesse mesmo ano, Portugal perde ainda as colónias indianas de Goa, Damão e Diu, e inicia-se a guerra colonial em Angola. Em abril, a tentativa de golpe de Estado de Botelho Moniz evidencia as divisões e tensões no seio do regime. Na passagem de ano de 1961 para 1962, a Revolta de Beja, comandada por Varela Gomes e Manuel Serra, marca uma tentativa de golpe militar e civil contra o regime salazarista. Em 1962, destaca-se a crise académica, que alastra durante o resto do ano e acaba por envolver estudantes universitários de todo o país.

Como é evidente, este período foi de extrema importância para o enfraquecimento do regime e simultâneo fortalecimento da oposição, que se vê reforçada pelo crescente apoio popular. No entanto, o papel do PCP na oposição, em particular na cidade do Porto, é algo muito pouco estudado, e, portanto, o foco da minha investigação.

Quanto ao estado da arte, apenas uma das obras que consultei durante a pesquisa bibliográfica realizada se concentrava no Porto, tendo-o como foco dos acontecimentos (*Insubmisso à tirania*, de Manuel Loff e Sofia Ferreira), sendo que menções da perspetiva e intervenção do Partido Comunista Português nas ações descritas são nulas. Por outro lado, nas obras específicas sobre o PCP, as menções ao Porto são, no mínimo, esporádicas, e cobrem um intervalo de tempo muito mais extenso do que o estudado,

sendo, portanto, pouco específicas e apresentando informação generalista e pouco detalhada.

As eleições de 1958 e as suas consequências na atividade e atitude popular portuguesa são importantíssimas no contexto do regime salazarista, mas a perspetiva comunista é algo, todavia, pouco estudado. Mesmo as duas teses que consultei, sobre o Partido Comunista, da autoria de Ana Paula Marques Correia e Márcio José Monteiro Matos, focam-se muito mais na cidade de Lisboa, ficando o Porto novamente de parte.

Pretende-se, então, compreender quais as atitudes, intervenções e perspetivas assumidas pelo PCP durante este período histórico. Quais as suas ações relativas às eleições de 1958, quais as reações ao seu resultado, qual o seu envolvimento nas consequentes ações populares (e quais as mais importantes) e qual a sua reação às críticas ao regime feitas pela Igreja Católica.

1. A representação das eleições de 1958 no *Avante!*

1.1. Posição inicial do PCP face à candidatura de Humberto Delgado

Com as eleições de 1957, para deputados à Assembleia Nacional, tinha sido criada uma “crise de confiança”¹ entre o PCP e o Diretório Democrata Social, que escolhera abster-se na votação, à última hora, sem aviso prévio. Esta divisão entre as duas grandes faces da oposição preocupa o PCP que, a partir daí, passa a insistir na “adoção do princípio intervencionista” e procura “ampliar as alianças e quebrar, mesmo que relativamente, o seu isolamento”².

As eleições de 1958 são, por conseguinte, um ponto crucial para a oposição que se encontra agora separada e enfraquecida:

A divisão da oposição dá origem não só ao enfraquecimento da ação de todos aqueles que pretendem lutar, como pode conduzir ao desânimo da grande massa oposicionista, correndo-se o risco de esta vir a descreer das suas reais possibilidades, embora não descreia das suas verdadeiras ações³.

O PCP foca-se, então, no apelo à reunificação da oposição à volta de um único candidato, para que possa ser garantida a melhor oportunidade de vitória. No entanto,

¹ PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal: uma biografia política*. Lisboa: Temas e Debates, 2005. vol. 3. p. 578.

² MADEIRA, João – *Os Engenheiros de Almas: o Partido Comunista e os intelectuais (dos anos trinta a inícios de sessenta)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996. p. 353.

³ PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal: uma biografia política*. Lisboa: Temas e Debates, 1999-2001. vol. 3. p. 580.

nesta primeira fase, é clara a oposição à ideia de Humberto Delgado como possível candidato unitário da oposição.

São numerosas as notícias em tom de apelo, destinadas à oposição, publicadas no *Avante!* durante o período pré-eleitoral. Na manchete da edição de janeiro de 1958, intitulada “Porque esperamos?”, é feita uma invocação à participação nas eleições, assim como à união de todos os democratas e anti-salazaristas na escolha de um candidato para a oposição:

A ação contínua das massas em prol da unidade e pela escolha de um candidato democrata é a única maneira justa para desbaratar as manobras divisionistas e confusionistas dos agentes do governo, dos imperialistas norte-americanos e também daqueles democratas que ao fim de longos 31 anos de desilusões se deixam ainda embalar pela música do velho e roufenho disco...⁴

Este sentimento é ecoado em todas as seguintes edições, nas quais se apela ao fortalecimento do movimento democrático, através da participação da “classe operária, trabalhadores da cidade e do campo, a intelectualidade, os pequenos e médios industriais, comerciantes e agricultores, a juventude e as mulheres”⁵, da criação de comissões eleitorais em todos os pontos do país e da obtenção de certificados de eleitor, para uma maximização da participação popular. A necessidade de união da oposição é frisada, cada vez mais desesperadamente, à medida que as eleições se aproximam, com a utilização de um discurso fervoroso e entusiástico.

Embora apelem à unidade, os comunistas rejeitam de imediato a viabilidade de Humberto Delgado, cuja popularidade entre outros setores da oposição começa a fazer-se sentir: “Na opinião do Partido Comunista Português a candidatura do senhor general Humberto Delgado não pode inspirar confiança, nem serve os interesses nacionais”⁶.

Referem-se a este como “general fascista americanizado”⁷ e acusam-no de ser defensor do fascismo, assim como de aceitar cargos militares e favores do regime. Adicionalmente, insinuem que a candidatura de Delgado fora impulsionada pelo governo, e apoiada pelo DDS, e criticam o facto de Humberto Delgado nunca ter declarado nem apoio à democracia, nem oposição ao salazarismo, tornando-o numa escolha convenientemente neutra.

⁴ “Porque esperamos?” *Avante!*, série VI, n.º 247, janeiro de 1958, p. 1 e 3.

⁵ “Ao povo português: sobre as próximas eleições à presidência da república” *Avante!*, série VI, n.º 248, 1ª quinzena de fevereiro de 1958, p. 1.

⁶ “Com um amplo movimento eleitoral de massas conquistaremos liberdades até hoje não alcançadas! Pela recolha imediata de milhares de certificados de eleitor!” *Avante!*, série VI, n.º 252, 1ª quinzena de abril de 1958, p. 3.

⁷ “Porque esperamos?” *Avante!*, série VI, n.º 247, janeiro de 1958, p. 1 e 3.

Quando, a 5 de abril de 1958, um grupo de portuenses indica a sua intenção de escolher Humberto Delgado como seu candidato, é no *Avante!* acusado de querer partilhar o poder com Salazar: “Desse documento se conclui que esse reduzidíssimo grupo e o senhor general Humberto Delgado se propõe partilhar do poder com os salazaristas”⁸.

Ao mesmo tempo que rejeitam a candidatura de Delgado, é anunciado no *Avante!* que os comunistas apoiarão Cunha Leal como candidato de todas as oposições. Esta candidatura é retirada em abril, alegando-se motivos de saúde. É então anunciado Arlindo Vicente como candidato apoiado pelos comunistas⁹.

Após uma reunião do Comité Central do partido, começa a sentir-se uma mudança de tom no que toca à oposição à candidatura de Delgado. Na notícia “Conclusões políticas duma reunião do comité central”, aponta-se o facto de que o salazarismo é o inimigo comum, tanto de Vicente como de Delgado, e que isso poderá levar a atos de cooperação e acordos¹⁰. Entramos então na segunda fase da abordagem do PCP à candidatura de Delgado.

1.2. A mudança de perspetiva: representação da visita de Humberto Delgado ao Porto

A visita de Humberto Delgado ao Porto pode ser encarada como um dos principais motivos que levaram à gradual aceitação e eventual apoio à sua candidatura por parte do PCP.

O enorme apoio popular recebido por Humberto Delgado no Porto corresponde ao ideal que o PCP sempre defendera – a união do povo à volta de um único candidato – e, como já foi apontado anteriormente, o tom das notícias do *Avante!* começa a ser mais brando e diplomático.

⁸ “Com um amplo movimento eleitoral de massas conquistaremos liberdades até hoje não alcançadas! Pela recolha imediata de milhares de certificados de eleitor!” *Avante!*, série VI, n.º 252, 1ª quinzena de abril de 1958, p. 3.

⁹ “O inimigo comum é o salazarismo!” *Avante!*, série VI, n.º 253, 2ª quinzena de abril de 1958, p. 1.

¹⁰ “Conclusões políticas duma reunião do comité central” *Avante!*, série VI, n.º 254, 1ª quinzena de maio de 1958, p. 1.

O PCP declara que “apoiará todas as ações que conduzam ao afastamento do Governo de Salazar do poder e que abram caminho a uma mudança de regime no sentido democrático e progressivo”¹¹.

O tom hostil usado anteriormente contra Humberto Delgado é trocado por uma retórica de cariz calmo e diplomático. O PCP começa a perceber que a união democrática que tanto deseja apenas se realizará em torno de Delgado, como havia sido demonstrado pelas manifestações de apoio popular, e vê-se forçado a apoiar essa união em detrimento do seu próprio candidato, Arlindo Vicente, que não recolhera essa aprovação.

Esta mudança de posição e as suas causas são perfeitamente evidenciadas na notícia intitulada “As eleições presidenciais: grandes jornadas vitoriosas de unidade anti-salazarista. O governo, desesperado, recorreu às mais descaradas arbitrariedades e ao terror. Levantemo-nos unidos contra a repressão! Por um governo de concórdia nacional!”:

A patriótica decisão de unificar as duas candidaturas oposicionistas em apoio do Gen. Humberto Delgado, combativo candidato que soube interpretar o sentir de toda a Nação, uniu todas as correntes anti-salazaristas, mobilizou todos os setores sociais, desde a classe operária à burguesia nacional, obteve a adesão de individualidades representativas de várias organizações católicas e de muita gente que ainda há bem pouco tinha ilusões sobre o regime¹².

¹¹ “Declaração do Partido Comunista Português” *Avante!*, série VI, n.º 255, 2ª quinzena de maio de 1958, p. 2.

¹² “As eleições presidenciais: grandes jornadas vitoriosas de unidade anti-salazarista. O governo, desesperado, recorreu às mais descaradas arbitrariedades e ao terror. Levantemo-nos unidos contra a repressão! Por um governo de concórdia nacional!” *Avante!*, série VI, 256, 1ª quinzena de junho de 1958, p. 1.

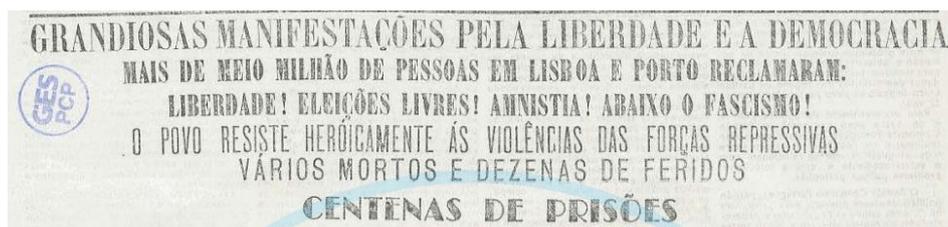


Multidão reunida em frente à estação de São Bento, aguardando a chegada de Humberto Delgado, 14 de maio de 1958. Fotografia de autor não identificado.

Fonte: disponível em portoantigo.net

É claramente visível uma completa mudança de discurso por parte do PCP. O general anteriormente apelidado de “fascista americanizado”, amigo do regime, não-democrata, é agora apresentado como um candidato que representa totalmente os ideais democráticos da oposição. Uma candidatura antes caracterizada como suspeita e incapaz de satisfazer as necessidades populares passa a ser encarada como modelar, exemplar, representativa dos interesses de toda a oposição.

A visita de Humberto Delgado ao Porto em 14 de maio de 1958 é mencionada numa só notícia, na qual representa um de dois temas centrais, intitulada “Grandiosas manifestações pela liberdade e a democracia. Mais de meio milhão de pessoas em Lisboa e Porto reclamaram: Liberdade! Eleições livres! Amnistia! Abaixo o fascismo! O povo resiste heroicamente às violências das forças repressivas. Vários mortos e dezenas de feridos. Centenas de prisões”.



Fonte: *Avante!*, série VI, n.º 255, 2ª quinzena de maio de 1958, p. 1.

Nesta notícia, é destacado o papel da população ao invés do de Delgado, que pouco é mencionado. O povo portuense é enaltecido na sua ação de protesto contra o governo salazarista. A visita representa, para o PCP, não tanto uma demonstração de apoio a Humberto Delgado em si, mas sim uma demonstração contra o governo, a opressão, e a favor da democracia, da amnistia e da liberdade.

São fortemente criticadas as ações das forças policiais e governamentais, a violência utilizada pelas mesmas sobre a população e a tentativa de repressão do povo que se juntara nas ruas para acolher Delgado e para protestar contra o regime. Em resposta às ações repressivas, é novamente exaltado o papel dos populares “que tornaram impotente a ação das forças repressivas e culminaram com a tomada do edifício do Coliseu”¹³.

200 mil pessoas manifestaram-se nas ruas do Porto

Quando da chegada do general Humberto Delgado, o povo do Porto veio para a rua reclamar uma mudança de regime, as liberdades democráticas, a amnistia, a abolição da censura numa grandiosa manifestação pacífica e de unidade.

Mais de 200 mil pessoas, na sua grande maioria trabalhadores, transformaram as ruas do Porto num mar de gente demonstrando a vontade inabalável e inquebrantável do povo de lutar pelo termo da ditadura fascista de Salazar, pela Democracia e a Liberdade.

A esta grandiosa manifestação pacífica, respondeu o governo, atirando com as forças repressivas contra o povo, espancando, ferindo e até matando pessoas indefesas.

Mas, o valente povo do Porto não se deixou intimidar, antes, avançou em novas e mais poderosas manifestações que tornaram impotente a acção das forças repressivas e cul-

minaram com a tomada do edifício do Coliseu onde se ia realizar a sessão de propaganda eleitoral. Enquanto esta decorria, cá fora as manifestações continuavam, prolongando-se até de madrugada.

Prosseguem as manifestações

No dia 15 e seguintes o povo continuou a manifestar-se nas ruas do Porto particularmente junto aos monumentos da guerra de 1914-18; em frente da sucursal do «Diário da Manhã» que foi assaltada pelos manifestantes numa demonstração clara de ódio à censura e acção caluniadora deste pasquim; nos arredores industriais do Porto e próximo da Casa do Gaiato.

Para participar em massa nestas manifestações, OS TRABALHADORES DE DIVERSAS EMPRESAS DO PORTO PARALIZARAM O TRABALHO.

Em todas as manifestações o povo teve de enfrentar a acção provocadora e repressiva da PIDE, GNR e PSP. Receoso com o rumo dos acontecimentos, o Governo não hesitou em mobilizar o exército.

Fonte: *Avante!*, série VI, n.º 255, 2ª quinzena de maio de 1958, p. 1.

¹³ “Grandiosas manifestações pela liberdade e a democracia” *Avante!*, série VI, n.º 255, 2ª quinzena de maio de 1958, p. 1.

Imediatamente a seguir à visita, é destacada a continuação dos protestos por parte dos portuenses, e em particular o facto de estes terem paralisado o trabalho para participarem nas manifestações:

No dia 15 e seguintes o povo continuou a manifestar-se nas ruas do Porto, particularmente junto aos monumentos da guerra de 1914-18; em frente da sucursal do «Diário da Manhã» que foi assaltada pelos manifestantes numa demonstração de ódio à censura e ação caluniadora deste pasquim [...] Para participar em massa nestas manifestações, os trabalhadores de diversas empresas do Porto paralisaram o trabalho¹⁴.

Destacam-se ainda as prisões decorrentes destas ações.

Infelizmente, sobre a visita de Delgado ao Porto pouco mais há no *Avante!*. Devido ao facto de a ação comunista se centrar mais em Lisboa, é dado mais destaque aos acontecimentos ocorridos nessa cidade, sendo que a notícia mencionada se divide entre a visita ao Porto e as manifestações em Lisboa, tendo ambas em comum a repressão e violência policial, que é muito criticada.

1.3. Reação comunista à fraude eleitoral

A reação comunista às eleições e à evidente fraude eleitoral cometida pelo governo toma duas vertentes: o elogio ao povo anti-salazarista pela participação e união à volta do candidato da oposição, e a acesa crítica ao governo repressivo.

Numa imediata reação às eleições, o PCP exalta a participação democrática de todos os que se uniram para votar contra o regime e considera as eleições, independentemente do resultado, uma vitória: “Nem a violência, nem o terror, nem as falsificações eleitorais podem esconder o carácter vitorioso das grandes jornadas anti-salazaristas nas eleições para a Presidência da República”¹⁵.

Os comunistas consideram que o ato das eleições em si veio demonstrar publicamente o descontentamento e a revolta do povo, o que enfraquece consecutivamente o regime salazarista:

as forças populares e anti-salazaristas possuem uma superioridade esmagadora e [...] a ditadura de Salazar é uma força em plena decomposição que se desintegra rápida e inevitavelmente sob a pressão do movimento popular. [...] O povo português não

¹⁴ “Grandiosas manifestações pela liberdade e a democracia” *Avante!*, série VI, n.º 255, 2ª quinzena de maio de 1958, p. 1.

¹⁵ “As eleições presidenciais: grandes jornadas vitoriosas de unidade anti-salazarista” *Avante!*, série VI, n.º 256, 1ª quinzena de junho de 1958, p. 1.

somente demonstrou claramente que está contra Salazar, como revelou a sua inabalável disposição de o desalojar do poder e operar uma rápida mudança da governação do país¹⁶.

De facto, mesmo tendo sido, oficialmente, uma derrota para a oposição, o impacto destas eleições foi quase tão grande como se esta tivesse saído vitoriosa. É esta mesma fraude eleitoral que irá despoletar uma série de movimentos oposicionistas, manifestações, protestos, greves e outras ações, em que o povo português se mostra unido e revoltado contra a opressão que vinha sofrendo por parte do seu governo.

Estes movimentos de revolta começam imediatamente após as eleições, e são fortemente reprimidos pelas forças do regime. Isto é algo repetidamente salientado pelos comunistas no *Avante!*. São denunciadas, em tom, como seria de esperar, extremamente crítico, “sangrentas repressões sobre indivíduos portugueses das quais resultaram muitos e muitos feridos e algumas mortes”¹⁷. Além da repressão física, aperta-se a censura, sendo impedida a publicação de propaganda em jornais, a distribuição de cartazes, a cópia dos cadernos eleitorais (cuja distribuição causou numerosas prisões); registaram-se ainda assaltos e encerramentos de sedes oposicionistas e, novamente, muitas prisões.

De facto, numa ação relativamente rara no *Avante!*, são mencionados os nomes de vários membros da oposição que foram encarcerados durante o período pós-eleitoral. Entre estes encontram-se figuras como arquitetos, médicos, jornalistas, estudantes e, mencionados raramente pelo nome, operários e trabalhadores que iniciam os seus protestos.

A violência policial leva mesmo o *Avante!* a apelidar os agentes da PIDE de *gangsters* e a afirmar que “este conjunto de ilegalidades e violências foi a base da grande burla eleitoral destinada a apresentar como vitória a maior derrota sofrida, até hoje, pelo salazarismo.” Criticam-se figuras do governo, como Santos Costa, o ministro do Interior, e, sobretudo, Salazar.

A grande reação dos comunistas, por meio dos apelos no *Avante!*, consiste em exaltar e apoiar o poder e influência do povo nas suas manifestações contra o salazarismo. As ações de união popular anteriores e posteriores às eleições são, para o PCP, a mais importante força de retaliação contra o regime: “Ao governo é impossível continuar a impor os seus velhos métodos de governação porque a luta popular atingiu proporções

¹⁶ *idem*.

¹⁷ “As eleições presidenciais: grandes jornadas vitoriosas de unidade anti-salazarista” *Avante!*, série VI, n.º 256, 1ª quinzena de junho de 1958, p. 1.

jamais alcançadas”¹⁸. O PCP apoia veementemente as demonstrações populares pacíficas, através de comícios, manifestações, paralisações, que considera determinantes nesta etapa de resposta à opressão, num momento em que afirmam que o regime salazarista está em processo de desintegração face à incapacidade, tanto ideológica como, agora, económica, de controlar um povo que finalmente se ergue contra ele.

Mais uma vez, como fizeram numerosas vezes, os comunistas apelam à união, independentemente da inclinação política ou ideológica. Focando-se na ação camponesa e operária nos protestos e paralisações económicas, o PCP afirma que todos os portugueses necessitam de se unir nesta causa:

A situação atual exige de todos os portugueses que aspiram sinceramente a uma mudança na situação nacional, a imediata unificação de esforços para estabelecer no país um organismo nacional de unidade que dirija todas as ações que no campo legal e ilegal se estão a desenvolver em todo o país. Pensamos que num tal organismo devem estar representadas todas as forças e correntes de opinião que estão contra o salazarismo – comunistas, socialistas e anarquistas, republicanos e monárquicos, católicos e maçons, individualidades independentes e militares patriotas. Nós, comunistas, pensamos que não se justifica qualquer discriminação política entre as forças que estão contra o salazarismo¹⁹.

2. A posição do PCP em relação à insurreição popular pós-eleitoral a sua representação no *Avante!*

2.1. Representação das principais movimentações ocorridas no Porto, após as eleições e até ao início de 1959

O período entre julho de 1958 e o início de 1959 foi palco de numerosas ações de retaliação popular contra a recente fraude eleitoral.

Sem dúvida, a greve mais importante ocorrida no Porto em 1958 é a greve dos pescadores de Matosinhos. Esta aparece noticiada três vezes no *Avante!*, mais do qualquer outra greve ou protesto ocorrido no Porto, durante o período estudado. Essas três notícias apresentam o início, o decorrer e o fim desta greve.

A greve dos pescadores de Matosinhos, que se inicia a 16 de julho de 1958, tem como base o elevado preço do gasóleo para as traineiras. Cerca de 5000 pescadores participam nesta greve, que acaba por se alargar a outros operários e trabalhadores

¹⁸ “Por uma direção única no movimento de libertação nacional” *Avante!*, série VI, n.º 258, 1ª quinzena de julho de 1958, p. 1.

¹⁹ “Por uma direção única no movimento de libertação nacional” *Avante!*, série VI, n.º 258, 1ª quinzena de julho de 1958, p. 2.

descontentes com as suas condições e com o regime salazarista. De facto, numa reunião realizada pelos pescadores, e nos protestos que se sucedem, são reivindicadas a liberdade, a amnistia, o fim da censura e a demissão do governo, ao lado das reivindicações profissionais, nomeadamente os aumentos de salários²⁰. A esta greve maioritariamente de pescadores, juntam-se 200 conserveiros da fábrica Unitas, que mobilizam ainda operários das fábricas Bordalo, Garantia e Gargalo. Verifica-se já uma verdadeira luta popular. É também destacado o papel das mulheres, que representam a maioria dos trabalhadores presentes na manifestação que se desencadeou a partir desta greve e que seguiu até Matosinhos, onde sofreu uma repressão da GNR armada, “chamada por um patrão da fábrica «Boa Nova»”²¹, para tentar impedir a integração dos seus trabalhadores.

No dia seguinte ao início desta greve, 17 de junho, há uma tentativa por parte da PIDE de obrigar os pescadores a ir para o mar, cercando-os através da formação de cordões. Tendo fracassado, a PIDE passa a prender os mesmos, sendo mais tarde forçada a soltá-los, face a manifestações dos pescadores e das suas famílias junto à sede da PIDE do Porto. Os protestos dos pescadores continuam, visto que os armadores se recusam a satisfazer as suas reivindicações de forma clara. Os pescadores impedem a entrada de peixe de fora e a saída de outras traineiras (obrigadas pela PIDE).

O fim desta greve é apenas noticiado em novembro, quando os pescadores de Matosinhos atingem a sua principal reivindicação, a descida do preço do gasóleo de 2\$00 para 1\$20²².

Além da greve dos pescadores de Matosinhos, é destacada ainda a dos operários fabris da Senhora da Hora, que no dia 25 de Julho de 1945 abandonam o trabalho “(...) como protesto contra a prisão de democratas que tinham participado na campanha eleitoral da oposição”²³, e a dos operários da fábrica Valfar em Vila do Conde que, no dia 14 de Julho de 1958, paralisaram o trabalho enquanto reclamavam um aumento de 30% nos salários, sendo estes operários reprimidos pela PIDE, que chegou a prender alguns deles²⁴.

²⁰ “Greves e demonstrações políticas. Milhares de operários e camponeses reclamam a anulação das eleições e a imediata libertação de todos os presos políticos! A classe operária aponta à nação o caminho da luta” *Avante!*, série VI, n.º 258, 2.ª quinzena de junho de 1958, p. 1.

²¹ *idem*.

²² “Os trabalhadores lutam” *Avante!*, série VI, n.º 267, 2.ª quinzena de novembro de 1958, p. 3

²³ “Alastra o movimento grevista” in *Avante!*, série VI, n.º 258, 2.ª quinzena de julho de 1958, p. 2.

²⁴ “Novas greves, paralisações e concentrações. Intensifiquemos as lutas reivindicativas!” *Avante!*, série VI, n.º 261, 1.ª quinzena de agosto de 1959, p. 1.

2.2. Reação comunista à carta do bispo do Porto a Salazar

A carta do bispo do Porto a Salazar e as suas consequências, quer em termos políticos quer em termos religiosos, é abordada em três notícias publicadas no *Avante!*.

A carta é considerada pelos comunistas tanto um sintoma como uma consequência da degradação do regime salazarista, que sempre mantivera uma aliança com a Igreja Católica, assim como da verdadeira influência que as eleições e os protestos populares que se seguiram tiveram em todas as camadas da sociedade portuguesa:

O fenómeno da decomposição do salazarismo é perfeitamente visível para toda a gente e muitos homens atilados que duma forma ou doutra alinharam com Salazar sentem hoje a necessidade de tornar pública a sua atual posição de discordância do seu regime ou da sua política. A carta do Sr. D. António Ferreira Gomes é mais uma indicação – e esta muito significativa – de que dentro da própria Igreja católica se desenha uma forte corrente de oposição a Salazar, dirigida por alguns altos dignitários, os quais se esforçam por desatrelar a Igreja do carro de derrota do salazarismo²⁵.

No entanto, embora seja muito levemente criticada a posição de alguns membros da Igreja que sempre beneficiaram da sua aliança com o regime, a mensagem geral desta notícia intitulada “Nós e os católicos” é a de que o Partido Comunista e os comunistas não nutrem qualquer animosidade contra os católicos e que, de facto, os trabalhadores católicos e comunistas se uniram num protesto contra aquele que é o principal inimigo de todos os portugueses: o salazarismo.

O PCP volta a por de parte qualquer tipo de exacerbação de diferendos ideológicos em nome da unidade democrática, nomeadamente através do elogio à coragem não só do bispo do Porto, mas também de outros membros da Igreja que haviam tomado importantes ações:

Não esquecemos também as atitudes dos Srs. Bispos de Aveiro e de Coimbra, em defesa da Amnistia aos presos políticos, do Sr. Bispo de Beja, em defesa dos camponeses famintos do Alentejo, do Vice-Reitor do Seminário do Porto, contra a censura à imprensa e as de outros eclesiásticos que desejam manter laços com o povo²⁶.

Os fatores comuns que unem todos os membros da sociedade, independentemente das suas crenças ou descrenças, são valorizados no sentido de “a união faz a força”, da mesma forma que os fatores de divisão entre os vários setores da oposição foram descartados pelos comunistas num apelo fervoroso à união contra o regime sob o qual todo o povo sofre de forma igual.

Ainda antes do exílio do Bispo do Porto, em janeiro de 1959, o *Avante!* noticia uma conferência na sede da Ação Católica, no qual o bispo apela precisamente ao mesmo que

²⁵ “Nós e os católicos” *Avante!*, série VI, n.º 264, 1.ª quinzena de outubro de 1958, p. 2.

²⁶ “Nós e os católicos” *Avante!*, série VI, n.º 264, 1.ª quinzena de outubro de 1958, p. 2.

os comunistas: “Unamo-nos todos para construir um mundo melhor e de justiça social!”

27.

O exílio do bispo do Porto, referido como uma “verdadeira deportação”²⁸, é noticiado em outubro de 1959 no *Avante!*, numa notícia que critica não só a ação repressiva do governo como também a falta de iniciativa dos membros do alto clero, que se mantêm silenciosos face a este escândalo.

3. Principais acontecimentos oposicionistas na cidade do Porto no período 1959-1962 noticiados pelo *Avante!* e o envolvimento comunista

Os movimentos grevistas, as paralisações, as manifestações (de carácter popular, estudantil e militar), as exposições de trabalhadores apresentadas aos patrões e outros tipos de sublevação popular ocorridas entre 1959 e 1962 no distrito do Porto totalizam 81 menções nas edições do jornal *Avante!* durante este período.

Notícias sobre movimentações oposicionistas no Porto, 1959-1962

Ano	N.º de notícias
1959	23
1960	16
1961	18
1962	24

Fonte: *Avante!*, 1959-1962.

Adicionalmente, no ano de 1962, as notícias que abordam ações violentas e repressivas da PIDE, assim como prisões de populares e manifestantes, são 10. Destacamos, por ordem cronológica, os acontecimentos que mereceram maior destaque.

Em janeiro de 1959, noticia-se a vitória dos estivadores do Porto e de Leixões na sua reivindicação de aumento de salários de 40\$00 para 56\$00, sendo que estes são pagos pelas empresas estrangeiras. Criticam-se as empresas nacionais por serem as únicas que se recusavam a pagar esse aumento. Esta vitória conseguida pelos trabalhadores faz com que esse valor seja estabelecido como padrão, a ser implementado a partir de 19 de fevereiro desse mesmo ano²⁹. No entanto, as empresas nacionais resistem e, além de uma

²⁷ “Pequenas notícias” *Avante!*, série VI, n.º 269, 1.ª quinzena de janeiro de 1959, p. 4.

²⁸ “A repressão aos católicos e o silêncio do alto clero” *Avante!*, série VI, n.º 281, p. 3.

²⁹ “Vitórias da luta dos estivadores do Porto, Leixões e Lisboa” *Avante!*, série VI, n.º 272, 2.ª quinzena de fevereiro de 1959, p. 1.

exposição enviada ao INT, os trabalhadores voltam a paralisar o trabalho³⁰. O PCP elogia, como sempre, a resiliência dos trabalhadores.

Em abril de 1959 inicia-se nova greve dos pescadores de Matosinhos, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Afurada e Murtosa. Estes reclamam um muito necessário aumento dos salários, entre 4000\$00 a 6000\$00 anuais³¹. Esta greve termina a 20 de junho do mesmo ano, após 70 dias de paralisação. O fim da greve dos pescadores foi objeto de uma das raras notícias extensas, de primeira página, sobre um acontecimento no Porto.

A importância dada à greve dos pescadores de Matosinhos deve-se ao facto de esta se ter tornado um símbolo da resistência dos trabalhadores. As numerosas concentrações dos pescadores e das suas famílias em frente à Capitania do Porto, a sua incansável luta pelos seus direitos, a solidariedade de outros trabalhadores e da população para com os pescadores, a repressão infligida por parte das forças do governo, tornaram a luta dos pescadores numa luta popular, num símbolo de resistência e da capacidade do povo de atingir os seus objetivos e de reivindicar os seus direitos³².

Os pescadores de Matosinhos protagonizaram novamente uma greve, desta vez de três dias, em janeiro de 1960. Reivindicavam 20\$00 diários e 20\$00 adicionais em dias em que saíam para o mar, assim como um dia de descanso por mês, 1% sobre o valor total do pescado, e que as descargas fossem feitas por outros trabalhadores. Não tiveram sucesso, pois, após uma concentração de 500 pessoas em frente à Capitania do Porto, em que lhes foi prometido o que pediam, enfrentaram despedimentos por parte dos armadores³³. Foi novamente destacado o grande espírito de luta dos pescadores.

Grandes manifestações populares ocorreram nos dias 31 de janeiro e 5 de outubro de 1960, nas comemorações destas datas icónicas para a cidade do Porto e para a democracia. Dez mil pessoas, desafiando as proibições do governo salazarista, reuniram-se no cemitério do Prado do Repouso em 31 de janeiro. Em 5 de Outubro, foram quatro mil. Estas comemorações acabaram por se tornar em manifestações contra o governo, reclamando-se a amnistia e a libertação dos presos políticos. O povo sofreu a repressão e a violência policial por parte da PIDE e da PSP, mas continuou corajosamente os

³⁰ “Os portuários do norte reduzem a produção e paralisaram o trabalho” *Avante!*, série VI, n.º 273, março de 1959, p.1.

³¹ “Os trabalhadores passaram à ofensiva” *Avante!*, série VI, n.º 276, 1.ª quinzena de maio de 1959, p. 1.

³² “Ao fim de 70 dias de greve: grande vitória dos pescadores de Matosinhos” *Avante!*, série VI, n.º 278, junho de 1959, p. 1.

³³ “Greve de 3 dias de 200 pescadores dos arrastões de Matosinhos” *Avante!*, série VI, n.º 286, 2.ª quinzena de janeiro de 1960, p. 1.

protestos. Os comunistas utilizaram estes acontecimentos para comprovar não só o sentimento democrático que se fazia sentir, como também a necessidade de união popular contra um governo que não os respeitava³⁴.

Foi também no início de 1960 que se começaram a fazer ouvir os estudantes. Em fevereiro, os estudantes da Universidade do Porto, e em particular da Faculdade de Medicina, realizaram assembleias para discutir a transferência do Centro Universitário do Porto para a Universidade, assim como a nomeação por entidades superiores dos delegados constituintes. Realizou-se um abaixo-assinado, assim como esforços de união entre as várias faculdades³⁵. No início de 1961, os estudantes de Medicina do Porto fizeram greve contra a obrigatoriedade das aulas teóricas que haviam sido impostas pelo ministério³⁶. Em abril de 1962, no auge da crise estudantil, grande parte da população universitária portuense aderiu à greve geral nacional que mobilizou 25.000 estudantes portugueses³⁷.

Nas comemorações do 31 de janeiro em 1962 evidenciou-se de forma direta o envolvimento comunista: “O Partido Comunista Português soube compreender a vontade dos portuenses de manifestar o seu amor à Liberdade e à Democracia e chamou o povo do Porto e arredores a comemorar naquela data os heróis de 1891”³⁸. Foi em 1962 que se verificou a maior afluência a estas manifestações. Foram cinquenta mil os trabalhadores, operários, estudantes, mulheres, de todos os setores de atividade que se reuniram na baixa do Porto. Há mesmo quem diga que a multidão chegou aos cem mil elementos, todos unidos em prol da reclamação da democracia. De facto, desta vez, nem a PIDE conseguiu abrandar os protestos³⁹.

A 8 de março de 1962 deu-se a primeira grande manifestação do Dia Internacional da Mulher. Novamente, o PCP assumiu a sua influência na organização desta jornada: “Em documentos dirigidos às mulheres, aos trabalhadores, aos jovens, aos intelectuais, aos militares e mesmo às forças repressivas, o nosso Partido e outras forças democráticas

³⁴ “Uma grande jornada democrática: Governo fascista reprime brutalmente as comemorações do 31 de Janeiro” *Avante!*, série VI, n.º 287, fevereiro de 1960, p. 1.

³⁵ “Protesto dos estudantes no Porto” *Avante!*, série VI, n.º 287, fevereiro de 1960, p. 3.

³⁶ “Greve estudantil no Porto” *Avante!*, série VI, n.º 296, janeiro de 1961, p. 1.

³⁷ “25.000 estudantes em greve! Milhares de jovens gritam por liberdade, autonomia e contra a repressão!” *Avante!*, série VI, n.º 315, abril de 1962, p. 1.

³⁸ “No dia 31 de Janeiro mais de 50.000 pessoas nas ruas do Porto gritaram «Portugal, sim! Salazar, não!»” *Avante!*, série VI, n.º 313, fevereiro de 1962, p. 1.

³⁹ *idem*.

exortaram a uma tal manifestação”⁴⁰. Mais uma vez, esta manifestação tomou contornos anti-salazaristas, de reivindicação das liberdades. Neste ano, a repressão da PIDE e da PSP atingiu o auge da sua violência, contra todos: mulheres, crianças, idosos, indiscriminadamente.

Também nas comemorações do 1.º de maio, o PCP realçava a sua intervenção: “dezenas de milhares de portuenses corresponderam ao apelo dos manifestos do Partido e das Juntas, dirigindo-se para o centro da cidade em magotes”⁴¹. Desta vez, além das reivindicações usuais, o fim da guerra colonial e a libertação de Angola passaram a ganhar também uma posição de destaque. A repressão das forças do governo continuou exacerbada, mas “a combatividade do povo fez prolongar por muitas horas as manifestações pela Liberdade, contra Salazar”⁴².

Além de todas estas importantíssimas manifestações, podem ainda mencionar-se as dos bancários, das leiteiras, dos trabalhadores têxteis, entre muitos outros trabalhadores que, durante este período conturbado, levantaram a sua voz contra o regime. Quanto ao partido, apenas em 1962 se torna evidente a sua participação direta nas atividades de protesto popular, sendo que até aí a sua intervenção explícita se limitava a mensagens de apoio aos trabalhadores, incluídas nas notícias publicadas no *Avante!*.

Conclusões

Durante todo o período estudado, o PCP preocupa-se em apelar a um valor fundamental: a união de todos os trabalhadores e anti-salazaristas. Quer durante o período eleitoral de 1958 quer nos anos que seguites, a mensagem comunista foca-se na exaltação das ações reivindicativas de trabalhadores e operários, independentemente da sua extensão ou importância, e das movimentações populares contra o regime – que se expressam sob forma de protestos, manifestações, festejo de datas com significado democrático, etc. São valorizados todos os setores de trabalho de igual forma, assim como cada luta individual travada por estes.

Os trabalhadores, e o povo em geral, tomam sempre precedência, independentemente das suas inclinações políticas ou religiosas, sendo estas postas de parte para que se possa realçar a ação conjunta das massas.

⁴⁰ “Em 8 de Março grande manifestação no Porto. Pela Amnistia! Pela Paz! Pela Liberdade!” *Avante!*, série VI, n.º 314, março de 1962, p. 1.

⁴¹ “Grande jornada do 1.º de Maio!” *Avante!*, série VI, n.º 316, 1.ª quinzena de maio de 1962, p. 1.

⁴² “Grande jornada do 1.º de Maio!” *Avante!*, série VI, n.º 316, 1.ª quinzena de maio de 1962, p. 1.

Por outro lado, o envolvimento comunista nestas ações pouco é mencionado entre os anos de 1958 e 1961. De facto, apenas são afirmadas ações tomadas pelo partido – distribuição de manifestos, propaganda, panfletos, incentivando aos ajuntamentos populares que ocorreram na cidade do Porto nas comemorações do 31 de janeiro, 5 de outubro e 8 de março – a partir do ano de 1962.

É difícil, partindo apenas do *Avante!*, explicar o porquê de os comunistas não se referirem diretamente à sua participação durante grande parte destes anos, quando, ao mesmo tempo, mencionam as suas ações políticas, publicitando os seus comícios, banquetes, e a sua campanha eleitoral. Com efeito, o seu discurso entre 1958 e 1961 limita-se a descrever os acontecimentos, louvar e encorajar as ações dos trabalhadores que nestes participam, sem nunca mencionar se houve ou não qualquer participação direta do partido.

Sabemos, no entanto, que, por virtude de ser um partido clandestino, cuja ideologia contrariava diretamente a linha política do regime e que, como tal, era alvo de repressão e perseguição por parte das forças do regime, o PCP tinha a responsabilidade de proteger os seus membros e militantes, assim como os trabalhadores e operários que simpatizavam com os ideais partidários, ou que simplesmente repudiavam o regime salazarista.

A partir de 1962, as mensagens no *Avante!* passam a demonstrar claramente que o PCP chamou ativamente os trabalhadores e o povo a participarem em manifestações e comemorações, não deixando lugar para dúvidas quanto ao seu direto envolvimento nestas ações de protesto anti-salazarista.

A natureza clandestina do *Avante!* é, sem dúvida, um fator importantíssimo a considerar aquando da consulta e estudo das suas notícias. Não estando sujeito à censura, o *Avante!* apresenta os acontecimentos da forma como os comunistas os observam, a crítica ao governo é feita sem medo, de forma dura e com tom impetuoso, e as movimentações contra o regime são noticiadas frequentemente e em detalhe, assim como elogiadas. Por outro lado, sendo um jornal partidário, de um partido também ele clandestino, a sua perspetiva é única e é necessário avaliá-la de forma crítica. Todas as notícias publicadas no *Avante!* são redigidas sob o ponto de vista comunista: é impossível categorizá-las como objetivas, pois estas são moldadas de forma a refletir uma ideologia política, e os acontecimentos que narram podem ser subtilmente refinados de forma a apoiar a mensagem que o PCP pretende comunicar. No entanto, tal não significa que as notícias sejam fabricadas ou que possam ser completamente postas de parte. Pelo contrário, o *Avante!* é uma fonte de enorme valor precisamente por ser um dos únicos

órgãos de imprensa que não amenizava a sua mensagem para satisfazer o governo, representando, portanto, uma das únicas formas que o povo possuía para se informar sobre as ações do regime que não eram noticiadas em órgãos oficiais.

Ao mesmo tempo, o seu estatuto clandestino implica também faltas de informação. O *Avante!*, por exemplo, raramente publica os nomes das figuras importantes que participam nos eventos noticiados, para as proteger da repressão policial por parte do regime. Torna-se assim difícil perceber quais as figuras mais relevantes da oposição nesta altura, pelo menos examinando apenas as notícias do *Avante!*.

Sendo impresso em diferentes locais clandestinos, nem sempre as edições do *Avante!* conseguiam ser publicadas, sendo que nem sempre seguiam a periodicidade quinzenal (como era suposto durante o período em estudo), o que implica a possível perda de um ou outro acontecimento importante, por este não ter sido noticiado.

Adicionalmente, é de salientar que grande parte da informação relativa ao período em causa se refere, infelizmente, a acontecimentos ocorridos na área de Lisboa e Alentejo, tanto por ser aí que se concentrava a maior força do movimento comunista, como também por ser aí que decorreram alguns dos mais importantes acontecimentos oposicionistas neste período. Não obstante, como espero ter demonstrado nesta investigação, o Porto está suficientemente bem representado no *Avante!*, sendo possível traçar uma imagem relativamente completa da forma como o movimento comunista e os movimentos populares e de oposição ao regime, valorizados pelo *Avante!*, entre 1958 e 1960 decorreram e se manifestaram nesta cidade.

Fontes

Avante!, série VI. 1958-1962.

Bibliografia

CORREIA, Ana Paula Marques – *Como o Avante! tratou os seus entre 1941 e 1974. A construção de uma identidade comunista*. Lisboa: FCSH-UNL, 2017. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea.

LOFF, Manuel; FERREIRA, Sofia – *Insubmisso à tirania: a cidade durante a ditadura*. Matosinhos: Quidnovi, 2010.

MADEIRA, João – *Os Engenheiros de Almas: o Partido Comunista e os intelectuais (dos anos trinta a inícios de sessenta)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

MATOS, Márcio José Monteiro – *Organização da Clandestinidade Política do PCP: da Ditadura Militar ao 25 de Abril de 1974*. Lisboa: FCSH-UNL, 2015. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea.

NEVES, José – *Comunismo e nacionalismo em Portugal: política, cultura e história no século XX*. Lisboa: Tinta-da-China, 2010.

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS – *60 anos de luta ao serviço do povo e da pátria*. Lisboa: Edições Avante, 1982.

PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal: uma biografia política*. Lisboa: Temas e Debates, 1999-2001. vol. 3.

ROSA, Frederico Delgado – *Humberto Delgado: biografia do general sem medo*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.

Anexos

1. Notícias relevantes para a investigação e sua categorização

DATA	Nº	Título	PÁGINA	ASSUNTOS
1958 01	247	Porque esperamos?	1 e 3	eleições
1958 02 1q	248	Ao povo português: sobre as próximas eleições à presidência da república	1 e 2	eleições
		A C. Municipal do Porto recua	2	manifestações, Porto
1958 03 1q	250	Falemos claro	1	eleições
1958 03 2q	251	Unamo-nos à volta de um candidato democrático e na formação de um largo movimento eleitoral	1	eleições
1958 04 1q	252	Com um amplo movimento eleitoral de massas conquistaremos liberdades até hoje não alcançadas! Pela recolha imediata de milhares de certificados de eleitor!	1 e 3	eleições
1958 04 2q	253	O inimigo comum é o salazarismo!	1	eleições
1958 05 1q	254	Conclusões políticas de uma reunião do comité central	1	eleições
1958 05 2q	255	Grandiosas manifestações pela liberdade e a democracia!	1 e 2	manifestações, violência policial, Porto
		Declaração do Partido Comunista Português	2	
1958 06 1q	256	As eleições presidenciais: Grandes jornadas vitoriosas de unidade anti-salazarista	1	eleições
1958 06 2q	257	Greves e demonstrações políticas	1	greves, Porto (Matosinhos)
		Outras notícias	2	paralisação, manifestações, Porto
		Desmascaremos a repressão e lutemos contra ela	2	homicídio, Porto
		Os pescadores de Matosinhos vencem a repressão: A greve continua	2	greves, Porto (Matosinhos)
1958 07 1q	258	Por uma direcção única no movimento de libertação nacional	1 e 2	manifestações, pós-eleitoral
		Alastra o movimento grevista	1 e 2	greves, Porto (Senhora da Hora)
1958 08 1q	260	Novas greves, paralisações e concentrações	1	paralisação, Porto (Vila do Conde)

1958 08 2q	261	Em luta por melhores condições de vida	3	aumento de salários, Porto
		O protesto da nação	1 e 3	boicotes, Porto
1958 10 1q	264	Nós e os católicos	2	carta do Bispo do Porto
1958 10 2q	265	O 5 de outubro: jornada de unidade anti-salazarista	1	5 de outubro
1958 11 1q	266	A paralisia infantil grassa no Porto	2	epidemia, Porto
1958 11 2q	267	Os trabalhadores lutam	3	greves (fim), Porto (Matosinhos)
1958 12	268	Os trabalhadores lutam	3	exposição, Porto
1959 01 1q	269	Pequenas notícias	4	Bispo do Porto
1959 01 2q	270	Vitórias da luta dos estivadores do Porto, Leixões e Lisboa	1	aumento de salários, Porto
		A classe operária luta por melhores salários	3	exposição, aumento de salários, Porto
		As leiteiras do Porto contra os monopólios	3	exposição, protestos, Porto
1959 02 1q	272	Os estivadores de Leixões e do Douro lutam por aumento de salários	3	aumento de salários, Porto
		Os pescadores de bacalhau querem novas contratas	4	aumento de salários, Porto (Vila do Conde, Póvoa)
1959 03	273	Os portuários do Norte reduzem a produção e paralizam o trabalho	1	exposição, paralizações, Porto
		Os trabalhadores da carris de Lisboa e do porto apontam o caminho da luta	3	exposição, protestos, Porto
		Os trabalhadores desmascaram os escândalos e roubos nos sindicatos	3	exposição, Porto
1959 04 1q	274	A nação levanta-se contra Salazar: mais de 50.000 operários lutam por melhores condições de vida!	1	Protestos
		Os trabalhadores reivindicam melhores salários	3	exposições, Porto
		As leiteiras e os produtores do Porto contra os monopólios	3	protestos, violência policial, Porto
		Centenas de operários tabaqueiros ameaçados de desemprego	3	Porto
		Dia internacional da mulher	5	Porto

		O crime dos Guindais	5	Porto
1959 04 2q	275	Mais de 700 metalúrgicos do Porto concentram-se no sindicato	3	protestos, Porto
1959 05 1q	276	Os trabalhadores passaram à ofensiva	1	greves, Porto (Matosinhos, Póvoa)
		Abaixo a repressão! Amnistia!	3	repressão, violência policial, Porto
1959 05 2q	277	Em 24 de maio os valentes pescadores do Norte continuavam em greve	3	greves, Porto (Matosinhos, Póvoa)
		Os estudantes da universidade do porto contra a repressão	3	estudantil, Porto
1959 06	278	Ao fim de 70 dias de greve grande vitória dos pescadores de Matosinhos	1 e 6	greves, Porto (Matosinhos)
1959 08	279	Desprezo e hostilidade do povo do Norte a Américo Tomás	3	Porto
1959 10	281	A repressão aos católicos e o silêncio do alto clero	3	Bispo do Porto
		No caminho da luta contra a exploração	5	protestos, Porto
1959 11	282	Só com a luta melhoraremos as nossas condições de vida	3	exposições, Porto
1960 01 1q	285	Continua a luta dos trabalhadores por uma melhoria das suas condições de vida	3	exposições, Porto
1960 01 2q	286	Greve de 3 dias de 300 pescadores dos arrastões de Matosinhos	1	greves, Porto
		O nosso povo luta	3	sindicato, aumento de salários, Porto
1960 02	287	Governo fascista reprime brutalmente as comemorações do 31 de janeiro	1	repressão, Porto
		Protesto dos estudantes no Porto	3	estudantil, Porto
1960 3/4	288	A classe operária luta por melhores condições de vida - importantes vitórias dos pescadores; os têxteis do Minho e do Porto lutam	3	protestos, Porto
1960 06	290	Lutas estudantis	2	estudantil, Porto
		A vida e a luta da classe operária - os têxteis do Norte lutam por melhores salários e contra a produtividade	3	greves, aumento de salários, Porto
1960 08	292	Falam os números... a falta de assistência à maternidade e à infância em Portugal	5	Porto
1960 09	293	O desastre da ponte da Arrábida	3	Porto

		Mais casas para as famílias sem lar	4	pobreza, Porto
1960 10	294	Uma grande jornada nacional de luta contra o salazarismo	1 e 2	5 de outubro, Porto
		A vida e a luta dos trabalhadores - Luta dos bancários do Porto	3	abaixo-assinado, Porto
1960 11	295	Guilherme da costa carvalho de novo nas mãos da PIDE	2	Porto
		Os operários têxteis do Norte lutam por aumento de salários	5	exposições, aumento de salários, Porto
		Os empregados dos casinos contra o despacho do ministro	5	exposições, Porto
1961 01	296	Os crimes dos tribunais plenários	1 e 2	
		Greve estudantil no Porto	1	estudantil, Porto
1961 02	297	Os monopólios contra a nação: querem extorquir aos portuenses mais 10.000 contos	5	Porto
		Contra o encerramento da casa dos estudantes do império	5	estudantil, Porto
1961 05	300	Avante na luta contra a repressão fascista - mais acções contra a repressão	3	mulheres, exposição, Porto
1961 06	301	Em S. Pedro da Cova os mineiros vencem	3	aumento de salários, Porto
1961 07 2q	303	Os operários lutam contra a exploração	3	Porto (Matosinhos)
		Avante na luta conta a guerra! O fracasso fascista do dia 10 de junho	4	protestos, Porto
1961 09 1q	305	Os operários lutam contra a exploração e a miséria	3	exposição, Porto
		Novas acções dos estudantes	3	estudantil, Porto
		Lutemos contra a guerra colonial	4	Porto
1961 09 2q	306	O funeral do dr. António Luís Gomes foi uma manifestação anti-fascista	2	porto
		Lutemos contra a guerra colonial - Reforcemos o movimento popular contra a guerra	6	manifestação, porto
1961 10 1q	307	Os trabalhadores utilizam os sindicatos para defesa dos seus interesses	3	exposição, porto
		Os bancários lutam unidos	3	Porto
		Soldados! Avante na luta!	4	militar, Porto

1961 10 2q	309	"Eleições" fascistas: Uma onda de prisões e arbitrariedades	1	repressão, Porto
		Encontro da juventude democrática	2	Porto
1961 11 2q	311	Assembleias de trabalhadores	4	Porto
1962 01	312	Novas lutas - paralisação na Amora	3	paralisação, Porto
1962 02	313	No dia 31 de janeiro mais de 50.000 pessoas nas ruas do Porto gritaram "Portugal sim! Salazar não!"	1 e 4	manifestação, Porto
		Avante na luta, operários e camponeses! - outras lutas	3	Porto
		A luta nas escolas	3	estudantil, Porto
1962 03	314	Em 8 de março grande manifestação no Porto: pela amnistia! Pela paz! Pela liberdade!	1	dia da mulher, manifestação, violência policial, Porto
		Notas e comentários - sábado gordo	2	Porto
1962 04	315	25.000 estudantes em greve!	1	estudantil, Porto
		Em luta contra a repressão	2	estudantil, Porto
		Operários uni-vos! - pescadores	3	manifestação, Porto (Matosinhos)
1962 05 1q	316	GRANDE JORNADA DO 1.º DE MAIO!	1	manifestação, Porto
		Unamo-nos e prossigamos a luta por aumento de salários	3	salários, Porto
		Resistamos unidos às prisões	4	prisões, Porto
1962 05 2q	317	Alguns exemplos de torturas sobre presos políticos	2	prisões, violência policial, Porto
		Intensifiquemos as nossas lutas	3	salários, Porto
1962 06	318	28 de maio - Dia de protesto contra Salazar	1	repressão, Porto
		Greves e manifestações - as manifestações de 1 e 8 de maio	2	manifestação, Porto
		Alarguemos e tornemos mais combativas as lutas da classe operária - continua a luta dos têxteis	2 e 3	paralisação, salários, Porto
1962 07	319	Operários - outras lutas	3	salários, Porto

		A acção sindical reforça a unidade e luta dos trabalhadores	3	sindicalismo, Porto
1962 08	320	A luta reivindicativa da classe operária - a luta dos operários dos S.T.C.P	3	salários, Porto
		Entre os têxteis	3	exposição, Porto
		Que cessem as torturas sobre os presos políticos	4	prisões, violência policial, Porto
		Escorracemos os traidores	4	prisões, Porto
1962 09	321	Evasão audaciosa de dois comunistas	2	Porto
		Um provocador	2	prisões, Porto
		A PIDE tortura	4	violência policial, Porto
1962 10	322	O 5 de outubro e a organização de novas lutas	1	protestos, Porto
		Os operários da carris do Porto manifestam-se nas ruas e lutam com a polícia	1	manifestação, Porto
		Alarguemos a luta da classe operária - os pescadores em luta	2	protestos, Porto (Matosinhos)
		Os homens da PSP e da GNR	3	violência policial, Porto
1962	324	Aumento geral de salários na carris do Porto	3	salários, Porto
		A "produtividade" aumenta a exploração	3	salários, Porto

Fonte: *Avante!*, 1958-1962